

IMPACTO E DIFERENÇAS REGIONAIS DO TROTE NOS CURSOS BRASILEIROS DE MEDICINA: ANÁLISE QUANTITATIVA COM DIRETORES E EDUCADORES MÉDICOS

Milene I. Sugiyama (IC), Larissa G. Galas (IC), Juliana R. M. Ragozzino (IC), Maria Cristina Pereira Lima (PQ), Luís Fernando Tófoli (PQ)

Resumo

Análise quantitativa de conteúdo da opinião de educadores médicos de todo o Brasil a respeito do trote universitário nas escolas médicas do país, a partir de questionário online de tipo Likert respondido por 139 docentes médicos.

Palavras Chave: Educação Médica, Violência, Estudantes.

Introdução

O trote atualmente está ligado ao ingresso em cursos de Graduação ao redor do mundo, sendo relacionado ao meio acadêmico desde o século XVII¹. No Brasil, assim como no resto do mundo, destaca-se a graduação em Medicina, cujos cursos estão geralmente entre os mais disputados e tradicionais nas universidades. Humilhações, xingamentos e intimidações características do trote podem reproduzir as relações de poder que são apresentadas ao longo do curso médico, mantendo e reforçando a hierarquia na profissão². A partir da análise da literatura referente a esse tema, ocorre uma preponderância regional de artigos e notícias na mídia do Sudeste. Todavia, encontra-se escassa informação sobre a distribuição regional dessa prática. A partir de um questionário eletrônico online, obtivemos 139 respostas completas de docentes atuantes em 79 escolas médicas de 59 cidades e 22 Estados brasileiros. Dentre os participantes, 56,1% são do Sudeste, 22,3% do Nordeste, 13,7% do Sul, 4,3% do Centro-Oeste e 3,6% do Norte. Investigamos a associação entre as respostas a um questionário de tipo Likert com afirmativas sobre o trote e a localização geográfica (regiões brasileiras e estado de São Paulo versus demais estados) da instituição do docente, utilizando o teste de Qui-quadrado de Pearson, considerando como estatisticamente significativa $p < 0,05$.

Resultados e Discussão

Em relação às afirmativas sobre trote referentes às escolas médicas, houve significativas diferenças regionais nas afirmativas sobre a existência de trote em atividades esportivas e em festas ou encontros dos alunos, mas não quanto a trotes dentro do espaço físico das escolas. Também foram apontadas diferenças quanto à existência de trotes violentos ou solidários, de medidas de proibição ou de programas de combate ao trote, ao tema ser ou não relevante nas escolas médicas dos

participantes. Quase todas essas diferenças se mantiveram presentes quando se comparou as respostas dos participantes do estado de São Paulo com os do restante do país, com uma maior concordância de que neste estado acontecem trotes em festas ou competições esportivas, que o trote é mais violento e menos solidário, que há mais medidas de proibição do trote e uma maior sensação de que o tema do trote é relevante.

Em relação às demais assertivas houve diferenças regionais sobre considerar o trote inevitável, se ele deve ser extinto e se deve ser tornado aceitável. Na comparação entre opiniões dos educadores médicos paulistas e de outros estados do país, houve, nos primeiros, maior concordância com a ideia de que o trote deva ser extinto, de que há docentes que apoiam esta prática e de que ele não pode ser tolerado por docentes. Por outro lado, em São Paulo houve, em relação ao resto do país, menor concordância com a noção de que o trote integra os estudantes e de que ele pode ser feito de maneira ética.

Conclusões

A percepção dos docentes em relação ao trote se mostrou diferente nas diversas regiões do país. Houve evidente contraste do estado de São Paulo em relação às demais localizações, o que pode indicar diferenças na forma com que o trote é aplicado localmente. Esta é ainda uma análise preliminar dos dados, mas eles parecem indicar que a proibição do trote dentro das escolas médicas não coíbe necessariamente sua ocorrência e violência, assim como há claros indícios sobre diversidade do trote no país.

Agradecimentos

Instituição de Fomento: CNPq (PIBIC)

¹ Leslie J, Taff M, Mulvihill M: Forensic aspects of fraternity hazing. *Am J Forensic Med Pathol* 1985;6:53-67.

² Villaça FM: Concepções sobre assédio moral: Bullying e trote em uma escola médica. *R B ED MED*. 2010; 34 (4): 506-514.